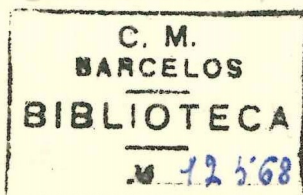


- Carlos Alberto Ferreira de Almeida -

O ROMÂNICO DO CONCELHO DE BARCELOS

in " O Românico de Entre-Douro-e-Minho "
tese de doutoramento

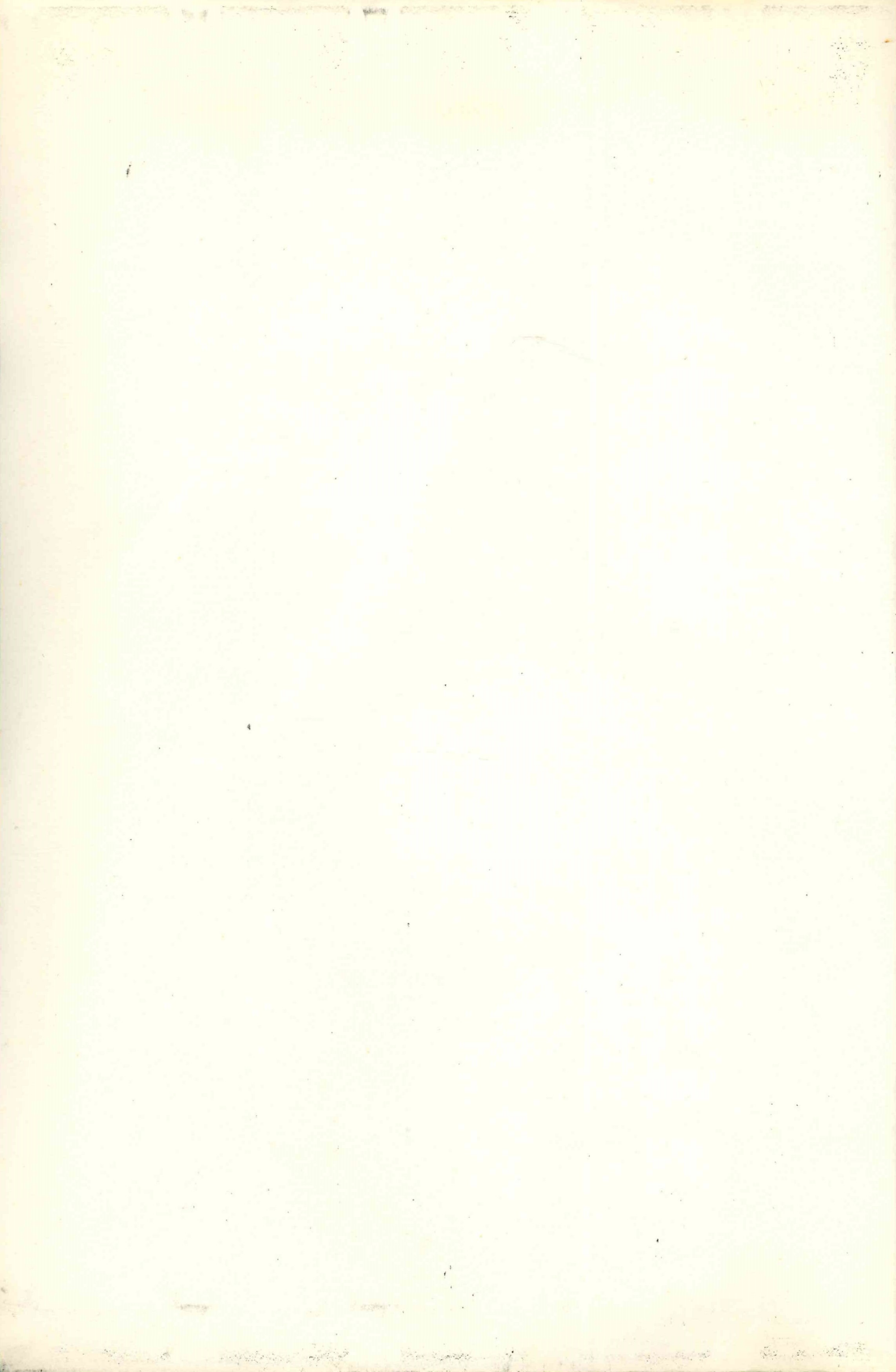
Barcelonense



Leonor



033(469.12)



Esta igreja, bastante bem conservada, que apresen-
ta capela-mor rectangular e nave relativamente
ampla, é um exemplo muito significativo de quan-
to a nossa arquitectura medieval, rural, ficou
presa aos hábitos românicos de construir. Signi-
ficativamente a cabeceira tem, no topo, janela
gótica de duas luzes com óculo quadrilobado e a
sua cornija apoia-se em duplos cachorros de proa,
segundo a maneira gótica. Na nave regressou-se à am-
biência e soluções do estilo românico, embora os
portais laterais sejam goticizantes, mais que o
principal. Voltou-se ao emprego de pequenas e sim-
ples frestas, ao sistema de modilhões, de tipo româ-
nico, onde se figuram caras, peixes, pipos, cabeças
de animais como de touros e de porcos, séries de
bolas e até um escudo pós-dionisiaco, que se encon-
tra do lado norte. É notório que nestes cachorros,
embora neles haja alguns temas arcaicos, como a ca-
beça do touro, pela sua secção largamente quadran-
gular e pouco saliente, são muito tardios. Sobre a
fachada há um óculo redondo e o portal principal,
sem tímpano, alto e esguio, de arco quebrado. Sapata,
bases, capitéis, imposta que acompanha os pés direi-
tos da entrada e decoração das arcadas, como a es-
tilizada flor de lis, tudo aponta, como datação, uma
época posterior aos princípios do século XIV. É por-
tal posterior ao da matriz de Barcelos. As paredes
estão cobertas de siglas, muitas alfabéticas, algu-
mas das quais como o , embora de ascendência un-
cial, pertencem, epigraficamente, ao século XIV.

Embora, arquitectonicamente, a capela-mor
seja mais evoluída que o corpo da igreja nada in-

2

dica que este lhe tenha de ser anterior. Houve sim uma regressão aos padrões tradicionais de construir, o que não admira. Terá havido indiscutivelmente dois mestres diferentes: o da capela-mor, conhecedor da evolução da arte de construir, e mais actualizado, e um outro, talvez local, de gosto arcaizante. Sugerimos, como datação para os começos desta igreja os princípios do século XIV. Ilustramos um capitel de arco-cruzeiro, da primeira fase das obras (Est. XLIV, 1). Um outro foi já apresentado no Vol. I (Est. III, 2). A opinião de King (1939, p. 283), que vê nestes capitéis Eva, Adão e Caim com a noiva, não convence. Ao lado da frontaria da igreja, da banda sul, existe uma forte e larga torre, relativamente baixa, que parece ter tido mais intuítos defensivos e uma ambiência senhorial que o destino de suportar e de elevar sinos. Não é ousado sugerir para sua datação o século XV.

Bibl. T. Fonseca, 1948, I, p. 45-55; R. Santos, 1956, p. 72, s/d.

p. 59; B. M. N., nº 90, 1957; E. A. Magalhães, 1958, p. 265-267;

M. Menezes, 1967, p. 155-156; Dionísio, 1975, p. 978; Guia-

-tesouros, 1976, p. 50.

de origem diferente. Significativa a relação a decoração.

*

BALUGRES, Barcelos

Na antiga igreja matriz desta terra há trechos de arquitectura românica. Saliente-se, entre eles, o portal ocidental, que tem duas arquivoltas decoradas e uma outra, a mais interior, com uma inscrição que deveria continuar numa outra arcada, hoje desaparecida, encontrando-se algumas das suas pedras, com letras, na actual sineira. Mantém ainda a imposta decorada com palmetas bracarense multíssimo transformadas. A arcada envolvente é comparável com uns restos de Adão. Permanece ainda grande parte da cachorrada, lisa. Esta igreja só pode caber dentro do século XIII, possivelmente, muito adiantado.

Bibl. T. Fonseca, 1948, I, p. 129-139; Guia-Tesouros, 1976, p. 123.

~~111~~ - BANHO (Vila Cova), Barcelos

Houve em Banho, hoje simples lugar da freguesia de Vila Cova, Barcelos, um mosteiro de cónegos regrantes que teve uma importante igreja românica da qual permanece, situada entre ramadas e campos, um simples resto da sua ousia. (Est. XLIX, 1 e 2). Segundo informações de quem ainda conheceu todo o edifício, e conforme nos transcreve Teotónio da Fonseca (1948, I, p. 415-416), "foi um exemplar formosíssimo de arquitectura românica". E essa testemunha continua. "Conheci-o e visitei-o algumas vezes nos anos de 1870 e 1871.

Conheci-o, tendo apenas abatido a abóbada da Capela-mor, o que sucedeu pelos anos de 1865 ou 1866, produzindo memorável estrondo, sentido nas povoações vizinhas.

A empena fronteira do Mosteiro era voltada para o poente e era recta na parte superior, terminada em friso liso.

A portada era formada por seis colunelos, com os seus capiteis e bases, sustentando uma arquivolta historiada; havia

aqui um pouco espaçoso recinto, espécie de galilé, de abóbada de pedra, encostada a outra empena que subia a toda a altura da igreja em que estava a cruz da fronteira e desta empena descia até ao telhado para a empena recta, cobrindo a abóbada da galilé, que servia de coro, servido por uma escada intermural e recebendo a luz do corpo da igreja por uma fresta esguia, a altura do pequeno coro da frente da empena, servido pela mesma escada.

Esta abóbada, sob que estava colocada a pia baptismal, era sustentada por colonelos cujos capiteis representavam abutres, águias e feras devorando crianças; pregavam aos cristãos e infiéis o dogma e a necessidade do baptismo.

A porta lateral do norte era também formada por colonelos com os respectivos capitéis, encontrando-se uma cruz e outros feitiços no tímpano. O corpo da igreja era coberto de madeira e tinha três ou quatro linhas de ferro".

Teotónio da Fonseca (p.416-417) completa esta informação dizendo. "Do velho cenóbio e templo de Banho apenas restam desoladoras ruínas. Aquelas pedras sagradas ficaram à mercê de quem delas se quis aproveitar, depois da extinção das Ordens religiosas.

A actual igreja de Vila Cova foi quase toda reconstruída em 1887 com pedra vinda de Banho. A Junta Paroquial daquela freguesia, reconhecendo que tinha praticado um abuso em trazer sem autorização a pedra das ruínas de Banho e temendo represálias dos seus adversários políticos, pediu para que aquelas ruínas fossem à praça, sendo então arrematadas por António José

VIELLO

Fernandes Ribeiro, que pôs assim a coberto de responsabilidades a Junta dali e vendeu muita pedra a diversos indivíduos.

Mais tarde aquele arrematante trocou as ruínas com o possuidor da Cerca de Banho por umas leiras, mas nem assim a demolição parou, pois ainda há poucos anos veio muita pedra para a reconstrução da Igreja-Matriz de Barcelos.

Das fotografias e gravuras publicadas em jornais e revistas no princípio deste século, comparando-as com o que actualmente resta, se vê quanto elas estão reduzidas.

Da ábside apenas existem restos de paredes grossíssimas, a fresta central com duas ordens de colunelos e respectivas arquivoltas na parte interior e exterior, os restos de dois gigantes, que fortaleciam a abóbada, e as duas frestas laterais também com colunelos, incompletas.

De Banho foram recolhidos no Museu Municipal de Barcelos um fragmento românico de pedra, representando o cordeiro pascal, restos architectónicos do século XII e XIII, tímpano românico e o escudo dos Pachecos, antigo, século XVI."

Nas publicações periódicas, Barcellos - Revista - Quinzenario Illustrado, 1º ano, 1909, nº20, p.5 e 2º ano, 1910, nº10, p. 115-118 e no jornal, o Barcelense, a partir de Junho de 1964 há outras pequenas notícias. Informação mais ampla e fidedigna que confirma o que antes se transcreveu encontramos nos volumes Vº e IXº dos Apontamentos para a história de Barcelos elaborados pelo Dr. José António M. Ferraz, obra que consultamos por gentileza da família.

Pela descrição deixada é fácil reconhecermos quanto esta igreja, com uma torre fronteira e um nartex abobadado sobre o qual estava o coro alto do templo, repetia a solução arquitectónica de Santa Cruz de Coimbra (N.GONÇALVES, 1940; 1942; 1958), o que não admira por ser mosteiro da mesma ordem. Seria contudo igreja mais pequena até porque tinha uma só capela-mor. Porém a informação de que havia dois altares, um de cada lado do arco-cruzeiro, indica-nos a existência duma nave relativamente ampla. Se esta arquitectura é um exemplo claro de uma solução vinda de Coimbra, já os temas decorativos são originários da área Rates-Braga, tais como os animais afrontados na esquina do capitel de cuja boca pende homem ou animal. Na capela-mor há capitéis muito tardios, bastante lisos, sem volutas e decorados com cabeças. Tendo em atenção o tipo de frestas, que a capela-mor apresenta, e as soluções dos seus alargamentos e o aspecto e os temas dos capitéis esta igreja não poderá ser muito anterior aos meados do século XIII. Proveniente desta localidade há, no Museu de Barcelos, um capitel visigótico de pilastra que serviu de pia de água beneta.

Bibl. C.C.R., I, p. 332; Mancelos, 1927, Est. p. 40-41; I. Fonseca, 1948, I, p. 414-418; A. Costa, 1959, II, p. 174.

~~10~~ - ENCOURAGOS, Barcelos

No Museu Pio XII de Braga há um capitel de granito, românico, proveniente desta localidade.

Bibl. T. Fonseca, 1948, II, p. 147-152; A. Costa, 1959, II, p. 83; Rosario, 1973, p. 8.

*

*
- BARCELOS (matriz)

A matriz colegiada de Barcelos é um edifício de três naves que globalmente devemos considerar como gótico, mormente na parte da cabeceira e na solução das arcadas-formeiras que é idêntica à da arquitectura mendicante. Porém os pilares em que estas assentam, cruciformes com colunas adossadas nos quatro lados, destinados a edifício abobadado ou pelo menos com arcos-diafragmas, devem ser considerados românicos embora os seus capitais tenham aspecto muito tardio. Um deles mostra o tema do Agnus Dei até então típico de tímpanos (Est. XLIX, 3). No portal há como tema decorativo escudos pós-dionisíacos e flores de lis e nos plintos das bases, já góticas, há rosetas que nos testemunham reminiscências indígenas então acontecidas (Est. XLIX, 4). Conservam-se no Museu local alguns cachorros românicos esculpidos encontrados nesta igreja que apontam para um período um pouco mais antigo. É possível que provenham da primitiva cabeceira que terá sido destruída para a solução gótica que a igreja apresenta.

Bibl. Barcelos, 1927, p. 35-37; I. Fonseca, 1948, I, p. 141-160; Magalhães, 1958, p. 41-45; A. Costa, 1959, II, p. 173; M. Menezes, 1967, p. 151-152; Dionísio, 1975, p. 935; Guia-Tesouros, 1976, p. 124-125.

*

VI - MANHENTE, Barcelos

Infelizmente a igreja românica do mosteiro de Manhen-
te foi profundamente alterada na época moderna a
ponto de quase só nos restar do antigo edifício, e
ainda por cima bastante estragado, o seu portal principal. Este, sem
tímpano, é constituído por três arcadas decoradas, duas das quais
só no extradorso. Elas estão cercadas com o típico friso bracaren-
se das ovas e das linhas quebradas. A imposta mostra as palmetas
bracarenses e os capitéis resultam de outros da mesma escola. As-
sinale-se que o capitel interior da direita se vai repetir em An-
siões. Por estas razões não podemos aceitar a datação que geral-
mente se lhe propõe. Não o colocaríamos antes dos princípios do
século XIII.

Bibl. I. Fonseca, 1948, I, p. 289-297; R. Santos, 1955, p. 72; E.
Magalhães, 1958, p. 244-246; A. Costa, 1959, II, p. 165; M. Menezes, 1967, p.
155; Dionísio, 1975, p. 964; Guia-Tesouros, 1976, p. 385.

~~Vila~~ - MINHOTAS, Barcelos

Desta freguesia provém uma imposta românica com de
coração enxadrezada que se expõe no Museu Pio XII
em Braga.

Bibl. T. Fonseca, 1948, II, p. 249-257; A. Costa, 1959, II, p. 22;

Rosário, 1973, p. 12, nº 253.

C. M. B.
BIBLIOTECA

00 - PARADELA, Barcelos

Houve nesta freguesia uma antiga igreja medieval da qual se guardam alguns restos no Museu Pio XII, em Braga, e no de Barcelos. Pelo seu teor, sobretudo do tímpano a que já nos referimos, seria edificio românico muito tardio

Bibl. T. Fonseca, 1948, p. 285-289; Rosario, 1973, nº 167, p.

~~1998~~ - SANTA EULALIA DE RIO COVO, Barcelos

Na antiga matriz desta freguesia conservam-se, na parte da capela-mor, modilhões esculpidos, românicos, muito tardios. Vêem-se ainda o topo de uma fresta e um fragmento de friso de arquivolta, decorado com elementos vegetais, muito estilizados, que apontam no mesmo sentido. Por isto, e pelas siglas alfabéticas que muitas pedras mostram, seria uma construção românica, de cabeceira quadrangular, da segunda parte do século XIII.

Bibl. I. Fonseca, 1948, II, p. 335-346; C. Almeida, 1970.

~~140~~ - VARZEA, Barcelos

Aquando da reconstrução da nova igreja em Várzea ,
Barcelos, antiga sede de mosteiro beneditino, apareceram importantes testemunhos do edifício românico que
aí existiu e que se guardam no Museu Pio XII de Braga. Também no
Museu de Barcelos há alguns vestígios provenientes daqui. Poderia-
mos atribuir estes elementos arquitectónicos a uma construção da-
tável, sobretudo, da primeira parte do século XIII:

Bibl. I. Fonseaa, 1948, II, p. 363-372; A. Costa, 1959, II, p. 23-
-24; Rosario, 1973, p. 25 e segs.

~~XIV~~ - VILA SECA, Barcelos

Na moderna matriz conserva-se uma mesa de altar a que já nos referimos e, integrados nas paredes da igreja, há restos de arquivoltas decoradas com temas lanceolados.

Bibl. T. Fonseca, 1948; II, p. 381-386; A. Costa, 1959, II, p. 9.

 - VILAR DE FRADES, Barcelos

Sobre o portal de Vilar de Frades (Est. XXXIX)

já dissemos o suficiente quando tratamos dos temas da sua escultura. Aqui queremos deixar expresso que o portal, como hoje nos é mostrado, constitui uma adaptação da época românica, como a sua arcada interior bem mostra. Possivelmente não são originais algumas impostas. Temos também certas dúvidas sobre a adaptação da janela alta que aí vemos. A fachada da actual igreja, em neo-gótico, mostra bem a capacidade de imitar os enxaquetados e outros temas.

Bibl. A. Barreiros, 1919; 1920; P. Vitorino, 1940; T. Fonseca, 1948, II, p. 27-43; R. Santos, 1955, p. 70-72; Magano, 1956; O. Ramos, 1965; Menezes, 1967, p. 152-155; Porter, 1928, est. 73; Dionísio, 1975, p. 960; Guia-Tesouros, 1976, p. 580.

biblioteca
municipal
barcelos



12568

O românico do concelho de
Barcelos